

CARACTERÍSTICAS SOCIOECONÔMICAS, EPIDEMIOLÓGICAS E LABORAIS DE PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM HOSPITALAR

SOCIOECONOMIC, EPIDEMIOLOGICAL AND LABOR CHARACTERISTICS OF HOSPITAL NURSES

CARACTERÍSTICAS SOCIOECONÓMICAS, EPIDEMIOLÓGICAS Y LABORALES DE LAS ENFERMERAS DEL HOSPITAL

Sérgio Valverde Marques dos Santos¹, Flavia Ribeiro Martins Macedo², Zelia Marilda Rodrigues Resck³, Roberta Seron Sanches³, Denismar Alves Nogueira⁴, Fabio de Souza Terra³

RESUMO

Objetivo: avaliar as características socioeconômicas, epidemiológicas e laborais de profissionais de enfermagem hospitalar. **Método:** trata-se de um estudo descritivo, transversal e quantitativo, desenvolvido com 393 profissionais de enfermagem de três instituições hospitalares. Para levantamento dos dados, utilizou-se um questionário sociodemográfico e para análise descritiva o *software Statistical Package for the Social Science*. **Resultados:** percebeu-se quanto às características socioeconômicas que a maioria dos profissionais estudados é do sexo feminino, entre 30 e 39 anos, é casada ou convive com companheiros e possui renda familiar mensal de 1.500 a 3.000 reais. Quanto às características epidemiológicas, notou-se que a maioria dos profissionais não consome bebida alcoólica, nem cigarros, sendo que grande parte deles não pratica exercícios, não possui doenças crônicas e não faz uso de medicamentos. Com relação às atividades laborais, grande parte da amostra foi composta por técnicos de enfermagem que trabalhavam no período noturno, tinham carga horária de 42 horas semanais e atuavam em outro vínculo empregatício. **Conclusão:** ao conhecer os diferentes aspectos desses trabalhadores, facilita-se a coordenação de enfermagem ao instituir medidas que proporcionem melhor adaptação no trabalho e, conseqüentemente, a qualidade de vida do trabalhador e da assistência prestada aos usuários.

Descritores: Enfermagem; Equipe de enfermagem; Serviços hospitalares.

ABSTRACT

Objective: evaluate the socioeconomic, epidemiological and labor characteristics of hospital nurses. **Method:** This is a descriptive, transversal and quantitative study, conducted with 393 nursing professionals from three hospitals. For data collection used a sociodemographic questionnaire and the descriptive analysis software Statistical Package for the Social Sciences. **Results:** it was perceived as the socioeconomic characteristics that most of the studied professionals are female, between 30 and 39 years old, married or living with partners and have family income 1500-3000 real. As the epidemiological characteristics were noted that most professionals consume no alcohol and no cigarettes, and most of them do not practice exercises, you do not have chronic diseases and does not use drugs. About labor activities, much of the sample consisted of nursing technicians, working at night, they had a workload of 42 hours per week and worked in other employment. **Conclusion:** to know the different aspects of these workers facilitates the nursing coordination by introducing measures to provide a better fit at work, and hence the worker's quality of life and assistance to users.

Descriptors: Nursing; Nursing, Team; Hospital services.

RESUMEN

Objetivo: Evaluar las características socioeconómicas, epidemiológicas y laborales de las enfermeras del hospital. **Método:** Se trata de un estudio descriptivo, transversal y cuantitativo, realizado con 393 profesionales de enfermería de tres hospitales. Para la recolección de datos se utilizó un cuestionario sociodemográfico y el software de análisis descriptivo paquete estadístico para las Ciencias Sociales. **Resultados:** se percibe como las características socioeconómicas que la mayoría de los profesionales estudiados son mujeres, entre 30 y 39 años de edad, casada o con socios y tienen ingresos familiares 1500-3000 real. Como se señaló las características epidemiológicas de que la mayoría de los profesionales no consuman alcohol y ningún cigarrillo, y la mayoría de ellos no practican ejercicios, usted no tiene enfermedades crónicas y no utiliza drogas. Con respecto a las actividades laborales, gran parte de la muestra está formada por técnicos de enfermería, que trabajan por la noche, tenían una carga de trabajo de 42 horas por semana y trabajaron en otro empleo. **Conclusión:** conocer los diferentes aspectos de estos trabajadores facilita la coordinación de enfermería mediante la introducción de medidas para proporcionar un mejor ajuste en el trabajo, y por lo tanto la calidad del trabajador de la vida y la asistencia a los usuarios.

Descritores: Enfermería; Grupo de enfermería; Servicios hospitalarios.

¹Graduado em Enfermagem. Doutorando em Ciências pela Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo/Ribeirão Preto.

²Graduada em Enfermagem. Mestre. Docente do curso de Enfermagem da Universidade José do Rosário Vellano. ³Graduado em Enfermagem. Doutor. Docente da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Alfenas. ⁴Graduado em Zootecnia. Doutor. Docente da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Alfenas.

Como citar este artigo

Santos SVM, Macedo FRM, Resck ZMR, et al. Características Socioeconômicas, Epidemiológicas e Laborais de Profissionais de Enfermagem Hospitalar. Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro. 2017;7:e1391. [Access_____]; Available in:_____.Doi: <http://dx.doi.org/10.19175/recom.v7i0.1391>

INTRODUÇÃO

A necessidade do cuidado ao doente acompanha o ser humano desde os primórdios. No início, os templos, conventos e mosteiros recebiam os doentes e providenciavam atenções especiais com intuito de cuidar do corpo e também da alma do enfermo. Esta situação foi, mais particularmente, presente na Idade Média, onde se partilhava a ideia de que nos casos de doenças e de outros males, a assistência espiritual era o remédio mais indicado⁽¹⁾.

É notório mencionar que a enfermagem é uma atividade tão antiga quanto o ser humano e nasceu pela necessidade de cuidados aos doentes. A história da enfermagem está presente antes, durante e depois da Idade Média. Na sociedade Grega, a prática do cuidado era exercida por escravos, sacerdotes e mulheres, que relacionavam a saúde e a doença às alterações de humores e causas objetivas, e não somente a fatores sobrenaturais⁽²⁾.

Em meados do século XVIII surgiram os hospitais que eram considerados instituições de assistência aos pobres e suas atividades eram desenvolvidas por religiosos ou leigos. Aos poucos, o hospital se desligou de influências religiosas, tornando-se uma instituição social de responsabilidade do Estado. Mas, somente no fim do século XVIII, os médicos começaram a ocupar espaço nos hospitais e na metade do século XIX surgiu a personagem mais importante da história da enfermagem moderna, Florence Nightingale, trazendo novas perspectivas para profissão da enfermagem e para o cuidado da saúde dos doentes⁽³⁻⁵⁾.

Na idade moderna, a enfermagem adquiriu dois rumos, um ligado à caridade cristã e à vocação e outro voltado para a profissionalização. Contudo, estas ideias permaneceram em bases empíricas até a primeira metade do século XIX. Com a Florence Nightingale, a profissão de enfermagem sofreu transformações radicais por meio de um trabalho calcado em bases científicas, com uma conformação profissional⁽¹⁾.

Florence constituiu a enfermagem moderna e regularizou a hierarquia e a disciplina para o trabalho da enfermagem, reflexos da sua alta classe social e de sua preparação religiosa e militar. Dessa forma, materializou as relações de dominação e subordinação, reproduzindo as

relações de classes sociais na prática da enfermagem⁽⁶⁾.

Com o crescente aumento da complexidade hospitalar e com a enfermagem implantada nesta instituição, o hospital tornou-se uma empresa prestadora de serviços. Com isso, a divisão do trabalho implantada sofreu grande influência dos principais modelos administrativos. Assim sendo, o trabalho da enfermagem foi dividido entre ações administrativas e educacionais que foram direcionadas aos enfermeiros e às ações assistenciais que faziam parte do serviço dos atendentes, auxiliares e técnicos de enfermagem^(4,7).

Com relação à enfermagem no Brasil, percebe-se que a representatividade da equipe de enfermagem no mercado de trabalho é grande e importante. Um levantamento sobre os profissionais da saúde realizado em 2008 mostrou que dos 2.846.788 trabalhadores, 1.243.804 eram da equipe de enfermagem, o que representa 43,37% do total dos profissionais da saúde⁽⁸⁾.

Grande parte dos profissionais de enfermagem atua em instituições hospitalares. Tais ambientes expõem esses trabalhadores a riscos, tanto por ser um ambiente insalubre quanto pela complexidade das tarefas. Portanto, esses trabalhadores estão sempre expostos aos fatores de riscos laborais e a sofrimentos emocionais, que podem influenciar o processo saúde-doença e se agravar com o tempo, determinando inadequações físicas e psicossociais, que reduzem a qualidade de vida do trabalhador⁽⁹⁻¹⁰⁾.

Diante ao exposto e devido ao reduzido número de estudos abordando esta temática, justifica-se a importância de avaliar as características socioeconômicas, epidemiológicas e laborais dos profissionais de enfermagem de ambientes hospitalares com a finalidade de subsidiar conhecimentos para promoção da saúde desses profissionais e adequação das atividades ao trabalhador que, conseqüentemente, refletirá na qualidade da assistência prestada aos usuários.

Nesse sentido, acredita-se que mudanças podem ser feitas no ambiente de trabalho, uma vez que os gestores poderão adaptar as tarefas laborais de acordo com as características dos profissionais de enfermagem. Diante dessas

acepções, este estudo objetiva avaliar as características socioeconômicas, epidemiológicas e laborais dos profissionais de enfermagem em ambientes hospitalares de um município de Minas Gerais.

MÉTODOS

Trata-se de um estudo descritivo, transversal, de abordagem quantitativa, desenvolvido nas instituições hospitalares da rede pública e/ou privada do município de Alfenas, Minas Gerais, entre novembro de 2014 e fevereiro de 2015. Ressalta-se que nesse município existem apenas três instituições hospitalares para atender uma população de aproximadamente 73.774 habitantes.

A população de estudo constituiu-se por todos os profissionais de enfermagem que atuavam nos hospitais, entre auxiliares, técnicos de enfermagem e enfermeiros, um total de 520 profissionais. Após atender aos critérios de inclusão e exclusão, a amostra constituiu-se de 393 profissionais. Foram adotados os seguintes critérios de inclusão: profissionais de enfermagem (auxiliares, técnicos e enfermeiros) que trabalhavam nas instituições hospitalares, com mais de três meses de trabalho na instituição para obedecer ao período de contratação considerado pelos hospitais. Foram excluídos do estudo os trabalhadores que estavam de licença/afastamento por motivo de saúde, maternidade ou férias.

Foi utilizado para coleta de dados um questionário semiestruturado com 31 questões, desenvolvido pelo pesquisador para avaliar dados de caracterização socioeconômica, epidemiológica e laborais, com as seguintes variáveis: sexo, idade, estado civil, crença religiosa, quantidade de filhos, renda familiar mensal, tipo de moradia, consumo de bebida alcoólica, consumo de cigarro, prática de atividades físicas, doença crônica, uso contínuo de medicamentos, categoria profissional, tempo de profissão na enfermagem, tempo de atuação na enfermagem na instituição, carga horária de trabalho, período/turno de trabalho, setor de atuação e se possui outro emprego.

Ressalta-se que este instrumento foi submetido a um processo de refinamento com cinco juízes doutores. Posteriormente, foi realizado um teste piloto com 10 profissionais de

enfermagem de uma instituição com características semelhantes às instituições analisadas. A coleta de dados foi realizada no próprio setor de trabalho em horários nos quais não houvesse interferência nas atividades laborais. Para isso, seguiu-se uma listagem com nomes e turnos de trabalho dos profissionais.

Assim, foi apresentada ao profissional de enfermagem a proposta da pesquisa e solicitada sua colaboração voluntária. Após sua anuência, o trabalhador recebeu um envelope fechado contendo o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e o instrumento. Com a finalização do preenchimento, os instrumentos foram devolvidos em envelopes fechados ao pesquisador.

Os dados coletados por meio do instrumento foram digitados em uma planilha do MS-Excel, versão 2010, para elaboração do banco de dados. Em seguida, foi efetuada uma dupla digitação a fim de evitar erros de transcrição. Posteriormente, utilizou-se para análise estatística descritiva o *software Statistical Package for the Social Science (SPSS)* versão 17.0. Com a finalização das análises, os dados foram apresentados de forma descritiva e por meio de tabelas.

Com base na Resolução 466/2012⁽¹¹⁾, este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG), conforme Parecer nº 773.900 (CAAE: 33361114.1.0000.5142). Solicitou-se às instituições hospitalares autorização para realização da pesquisa e abordagem dos funcionários.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com relação aos dados de caracterização socioeconômica, notou-se que a amostra foi composta em sua maioria por profissionais do sexo feminino, com 80,4% (316) das participações. A faixa etária que obteve maior frequência foi de 30 a 39 anos, com 37,4% (147). Quanto ao estado civil, a maioria é casada ou convive com companheiros, correspondendo a 54,7% (215) dos participantes. Também foi observada a crença religiosa dos participantes. Com isso, verificou-se que 78,4% (308) dos profissionais relataram ser católicos, conforme representado na Tabela 1.

Tabela 1 – Distribuição dos profissionais de enfermagem de acordo com as variáveis de caracterização socioeconômica - Alfenas, Minas Gerais, 2015, (n=393).

Variáveis	f	%
Sexo		
Masculino	77	19,6
Feminino	316	80,4
Total	393	100,0
Faixa etária		
Não informada	26	6,6
20 a 29 anos	86	21,9
30 a 39 anos	147	37,4
40 a 49 anos	90	22,9
50 ou mais	44	11,2
Total	393	100,0
Estado civil		
Solteiro(a)	123	31,3
Casado(a)/com companheiro(a)	215	54,7
Separado(a)/divorciado(a)	48	12,2
Viúvo(a)	7	1,8
Total	393	100,0
Crença religiosa		
Católica	308	78,4
Evangélica	49	12,5
Espírita	18	4,6
Ateu (sem religião)	13	3,3
Testemunha de Jeová	4	1,0
Messiânica	1	0,3
Total	393	100,0

Fonte: Elaboração dos autores.

Ao analisar a quantidade de filhos entre os profissionais de enfermagem, observou-se que grande parte deles não possui filhos, correspondendo a 32,8% (129) das respostas. A renda familiar mensal com maior frequência entre os profissionais foi de 1.500 a 3.000 reais (correspondendo a aproximadamente de 2 a 4

salários-mínimos), com um percentual de 39,2% (154). Na variável tipo de moradia, houve maior número de profissionais que possuem casa própria. Estes profissionais correspondem a 57,3% (225) do total da amostra. Estes dados podem ser conferidos na Tabela 2.

Tabela 2 – Distribuição dos profissionais de enfermagem de acordo com as variáveis de caracterização socioeconômica - Alfenas, Minas Gerais, 2015, (n=393).

Variáveis	f	%
Quantidade de filhos		
Sem filhos	129	32,8
Um	121	30,8
Dois	88	22,4
Três	47	12,0
Quatro ou mais	8	2,0
Total	393	100,0
Renda familiar mensal*		
Não informada	75	19,1
Até 1.500,00 reais	79	20,1
1.501 a 3.000 reais	154	39,2
3.001 a 4.500 reais	52	13,2
4.501 reais ou mais	33	8,4
Total	393	100,0

Tipo de moradia		
Não informado	6	1,5
Própria	225	57,3
Própria com financiamento	63	16,0
Alugada	87	22,1
Emprestada	12	3,1
Total	393	100,0

Fonte: Elaboração dos autores

* Considerado o valor do salário-mínimo nacional 724,00 reais.

Neste estudo, observou-se que a amostra foi composta, em sua maioria, por profissionais de enfermagem do sexo feminino, com faixa etária de 30 a 39 anos, casados ou conviventes com companheiros, católicos. Além disso, percebeu-se que estes profissionais não possuem filhos (dentre os que possuem, a maioria tem apenas um filho), recebem renda familiar mensal de aproximadamente 2 a 4 salários-mínimos e têm casa própria. Esses achados assemelham-se aos resultados de outros estudos.

Em uma pesquisa realizada em um Hospital Universitário do Estado do Rio de Janeiro com 296 trabalhadores de enfermagem, apontou-se que 81,6% deles eram do sexo feminino, 20,9% tinham idade entre 30 e 39 e 50,7% eram casados⁽¹²⁾. Em outra investigação realizada com 25 profissionais de enfermagem de um Hospital do câncer do Rio de Janeiro-RJ, evidenciou-se que 72% eram mulheres, com idade entre 36 e 40 anos e, em sua maioria, também eram casados⁽¹³⁾.

A média de idade dos profissionais de enfermagem se encontra no ciclo adulto jovem. Dessa forma, a literatura identifica pequenas variações entre as médias de idade, corroborando que a enfermagem nas instituições hospitalares é uma profissão composta em sua maioria por jovens⁽¹⁴⁾.

Na área da saúde, a feminilização é uma característica forte entre os profissionais, que ultrapassa 90% das vagas ocupadas entre os trabalhadores. Este pode ser citado como o caso da equipe de enfermagem, que é composta em sua maioria por mulheres. No entanto, tem-se observado um novo cenário, que mostra uma crescente presença de homens na equipe de enfermagem⁽¹⁵⁾.

Na pesquisa "Perfil da Enfermagem no Brasil", realizada pela Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ) com iniciativa do Conselho Federal de Enfermagem (COFEN), no ano de 2015, com 1,6 milhão de profissionais de enfermagem, apontou que a equipe de enfermagem é composta por 84,6% de mulheres e 15,4% de homens. Logo, afirma-se que há uma tendência da

masculinização desta categoria, com um crescente contingente masculino na composição das equipes⁽¹⁶⁾.

No que diz respeito à crença religiosa, dados do Censo de 2010 têm mostrado que entre a população brasileira, 64,6% são católicos, confirmando os achados deste estudo. Entretanto, evidenciou-se uma redução nas duas últimas décadas, obtendo-se um crescimento da diversidade religiosa no país, principalmente da religião evangélica⁽¹⁷⁾.

A literatura tem apontado para uma baixa porcentagem do número de filhos entre os profissionais de enfermagem, conforme se verificou em uma pesquisa realizada na Policlínica da Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, com 50 profissionais de enfermagem, em que se observou que 54% deles tinham um ou dois filhos e 26% não tinham filhos. Nesta mesma pesquisa, foi possível observar que a renda familiar era de 1 a 3 salários-mínimos⁽¹⁸⁾. Tais resultados não diferem muito dos encontrados no presente estudo.

É notório enfatizar que, recorrentemente, o número de filhos está relacionado à aptidão da mulher para o trabalho fora de casa, uma vez que existem evidências de uma crescente participação desta população no mercado de trabalho. Entretanto, contextualiza-se um percentual elevado de mulheres jovens que atuam na enfermagem. Assim, é útil considerar que essas mulheres podem não ter realizado ainda a escolha pelos filhos⁽¹⁹⁾.

Em outra investigação, observou-se que a maioria dos profissionais de enfermagem possui renda mensal de até 5 salários-mínimos⁽¹²⁾. Este achado aproxima-se do resultado encontrado na presente pesquisa. Vale lembrar que a renda é um fator econômico determinante para que o profissional de enfermagem mantenha hábitos de vida saudáveis, práticas de atividades físicas, acompanhamento médico, lazer, capacitação profissional, dentre outros⁽¹⁹⁻¹⁸⁾.

Com relação à caracterização epidemiológica dos profissionais de enfermagem,

observou-se que a maioria dos profissionais de enfermagem não consome bebidas alcoólicas, representando 56,5% (222) da população. Contudo, um elevado percentual de profissionais faz o uso de bebidas alcoólicas, ou seja, 43,5% (171). Ao analisar a população que afirmou consumir bebida alcoólica, a maioria foi classificada como usuário leve (utilizou bebida alcoólica no último mês, mas o consumo foi menor que uma vez por semana), com um percentual de 75,4% (129); 24% (41) foram classificados como usuário moderado (utilizou bebida alcoólica semanalmente, mas não todos os dias, no último mês); e 0,6% (1) foi considerado como usuário pesado (utilizou bebida alcoólica diariamente durante o último mês).

Ao investigar o uso de tabaco entre os profissionais de enfermagem avaliados, percebe-se que 11,5% (45) deles mencionaram ser tabagistas, e destes, 77,8% (35) fazem uso de até 10 cigarros por dia, enquanto 22,2% (10) utilizam mais de 10 cigarros por dia. Entre os profissionais que afirmaram não ser tabagistas, 15,2% (53) relataram já ter fumado, sendo que a maioria destes, 84,9% (45), fumou por até 15 anos e 15,1% (8) fumaram por mais de 15 anos.

Com relação à distribuição dos profissionais de enfermagem conforme a prática de atividade física, verificou-se que grande parte deles não pratica exercícios físicos, ou seja, 38,7% (152) da população estudada. Ressalta-se que houve um percentual relevante, 26,7% (105), de profissionais que praticam atividade física alguns dias da semana. Além disso, observou-se que 20,6% (81) dos profissionais praticam atividade física raramente, enquanto somente 14% (55) praticam diariamente.

Na distribuição dos profissionais de enfermagem conforme a doença crônica, constatou-se que 23,2% (91) da população possui alguma doença. Entre os profissionais que possuem doença crônica, notou-se que 73,6% (67) deles têm apenas uma doença, enquanto 20,9% (19) possuem duas doenças e 5,5% (5) enfrentam três doenças crônicas. Com relação ao tipo da doença, as patologias na tireoide foram as de maior predominância entre os profissionais, sendo referidas por 30,7% (28) da população. Houve um alto percentual de profissionais que relataram ter hipertensão arterial, correspondendo a 26,3% (24). Além disso, as doenças articulares, respiratórias e diabetes mellitus tiveram percentuais próximos, ou seja,

17,5% (16), 16,4% (15) e 12% (11), respectivamente.

Notou-se neste estudo que 32,6% (128) dos profissionais de enfermagem fazem uso de algum medicamento de uso contínuo. Desses profissionais, 63,3% (81) utilizam apenas um medicamento, enquanto 22,7% (29) fazem uso de dois, 7,8% (10) usam três e 6,3% (8) utilizam quatro ou mais medicamentos. Desses medicamentos, de acordo o grupo farmacológico, os anti-hipertensivos tiveram maior percentual de relatos, com 28,9% (37), seguidos dos hormônios tireoidianos, com 25,7% (33), os anticoncepcionais com 22,6% (29), os antidepressivos com 13,2% (17), os protetores gástricos com 10,9% (14), os hipoglicemiantes com 8,5% (11) e os analgésicos e anti-inflamatórios com 7,8% (10) de uso entre os profissionais.

Diante do exposto, evidenciou-se que a maioria dos profissionais de enfermagem não consome bebidas alcoólicas, não faz uso de tabaco, nem de medicamentos de uso contínuo, não possui doenças crônicas e grande parte deles não pratica atividade física. Entre os profissionais que fazem uso de medicamento, os mais citados foram os anti-hipertensivos e os hormônios tireoidianos, sinalizando as doenças mais relatadas, ou seja, alterações na tireoide e hipertensão arterial. Alguns destes achados assemelham-se aos resultados de outros estudos.

Em uma pesquisa, observou-se que 12% dos profissionais de enfermagem tinham hábito de fumar, 46% consumiam bebida alcoólica, 62% utilizavam medicação (sendo os anti-hipertensivos e hipoglicemiantes os mais citados), 18% deles possuíam doença crônica (sendo diabetes mellitus e hipertensão arterial as mais relatadas) e 56% dos profissionais eram sedentários⁽¹⁸⁾.

Foi possível observar resultados diferentes em outra investigação, também realizada com profissionais de enfermagem. No referido estudo, evidenciou-se que 60% dos profissionais possuíam alguma doença crônica e 72% deles utilizam medicamentos, entre os quais, os analgésicos e anti-inflamatórios foram os mais citados⁽¹³⁾.

Diante do exposto, torna-se possível inferir que existe uma heterogeneidade entre alguns resultados de pesquisas que buscam caracterizar o perfil epidemiológico dos profissionais de enfermagem. Assim, compreende-se que as maiores divergências

entre esses achados estão no tipo de doenças crônicas e no uso de medicamentos entre os trabalhadores. Isto aponta para a diversidade de doenças que podem afetar os trabalhadores de enfermagem.

Ainda no contexto dos hábitos de vida, percebeu-se pequena porcentagem de profissionais de enfermagem que fuma e/ou utiliza bebidas alcoólicas. Cabe deduzir que, por serem profissionais da saúde, esses trabalhadores têm conscientização dos males causados por essas drogas.

Tendo em vista que os profissionais da saúde são vistos como educadores, os hábitos de beber e fumar podem não condizer com a profissão. Com frequência, o profissional precisa convencer seus clientes sobre o interesse de promover cuidados com a saúde, mas se possui esses hábitos isto pode deixá-lo sem poder de convencimento⁽¹⁸⁾.

Notou-se neste estudo que a maioria dos profissionais de enfermagem não pratica atividades físicas. Profissionais fisicamente ativos

possuem uma melhor tendência a serem saudáveis, com mais atitudes positivas no trabalho e capazes de vivenciar situações estressantes. A atividade física pode beneficiar a instituição e o trabalhador. Isso acontece por promover o aumento da satisfação dos profissionais, o entrosamento da equipe, o aumento da produtividade, a redução de absenteísmo e de doença e ainda um incremento na qualidade de vida desses trabalhadores⁽²⁰⁻²¹⁾.

Ao avaliar os dados de caracterização laboral dos profissionais de enfermagem, conforme a categoria profissional, percebeu-se que a maioria deles pertence à categoria de técnico de enfermagem, com percentual de 75,1% (295). Adiante, notou-se que o tempo de profissão na enfermagem de maior frequência foi de até 10 anos de trabalho, com 62,3% (245) dos participantes. Além disso, observou-se que 71,8% (282) dos profissionais possuem até 10 anos de atuação na instituição, conforme apresentado na Tabela 3.

Tabela 3 – Distribuição dos profissionais de enfermagem conforme variáveis referentes à caracterização laboral - Alfenas, Minas Gerais, 2015, (n=393).

Variáveis	f	%
Categoria profissional		
Enfermeiro(a)	76	19,3
Técnico(a) de enfermagem	295	75,1
Auxiliar de enfermagem	22	5,6
Total	393	100,0
Tempo de profissão na enfermagem		
Até 10 anos	245	62,3
11 a 20 anos	85	21,6
21 ou mais anos	63	16,0
Total	393	100,0
Tempo de atuação na instituição		
Até 10 anos	282	71,8
11 a 20 anos	82	20,9
21 ou mais anos	29	7,4
Total	393	100,0

Fonte: Elaboração dos autores.

Na distribuição dos profissionais de enfermagem conforme a variável “carga horária de trabalho na instituição”, observou-se que grande parte deles, ou seja, 72,5% (285) trabalhavam 42 horas semanais. Com relação ao turno de trabalho na instituição, 38,4% (151) dos avaliados trabalhavam no período noturno. Cabe

destacar que alguns profissionais trabalhavam em horários especiais e não padronizados (de 6:00 às 14:00 horas, de 13:00 às 21:00 horas). Portanto, estes horários foram classificados como “outros” e com a ocorrência de 17,3% (68) dos participantes. Estes dados estão apresentados na Tabela 4.

Tabela 4 – Distribuição dos profissionais de enfermagem conforme variáveis referentes à caracterização laboral. Alfenas, Minas Gerais, 2015, (n=393).

Variáveis	f	%
Carga horária de trabalho na instituição		
Até 40 horas semanais	68	17,3
42 horas semanais	285	72,5
44 horas semanais ou mais	40	10,2
Total	393	100,0
Turno de trabalho na instituição		
Manhã - 7 às 13h	93	23,7
Tarde - 13 às 19h	76	19,3
Noite - 19 às 7h	151	38,4
Plantonista diurno - 7 às 19h	5	1,3
Outros	68	17,3
Total	393	100,0
Outro emprego		
Sim	83	21,1
Não	310	78,9
Total	393	100,0
Carga horária de trabalho no outro emprego*		
Até 40 horas semanais	43	51,8
Acima de 40 horas semanais	40	48,2
Total	83	100,0

Fonte: Elaboração dos autores.

Somente profissionais que possuíam outro emprego.

Quando questionados sobre a atuação em outro emprego, 21,1% (83) dos profissionais afirmaram ter outro vínculo empregatício, e

destes, 51,8% (43) atuam no outro trabalho com uma carga horária de até 40 horas semanais, conforme Tabela 4.

Tabela 5 – Distribuição dos profissionais de enfermagem conforme variável “setor de atuação na instituição”. Alfenas, Minas Gerais, 2015, (n=393).

Setor de atuação na instituição*	F	%
Clínicas médicas e cirúrgicas	108	27,4
Centro de Terapia Intensiva	99	25,1
Setores de apoio	90	22,9
Maternidade/Pediatria	61	15,2
Pronto Atendimento	54	13,7
Clínica de hemodiálise	33	8,3
Centro cirúrgico	27	6,8
Setor de oncologia	7	1,7

Fonte: Elaboração dos autores.

Houve mais de uma resposta por profissional.

Conforme os dados da Tabela 5, ao verificar o setor de atuação dos profissionais de enfermagem na instituição, notou-se que grande parte deles atua nas Clínicas Médicas e Cirúrgicas, com um percentual de 27,4% (108) dos profissionais. Cabe mencionar que o setor de apoio se refere a vários setores administrativos e auxiliares das instituições (coordenação, administração, Central de Materiais Esterilizados (CME), Serviço de Controle de Infecção Hospitalar

(SCIH), entre outros). Este setor obteve um percentual de 22,9% (90).

Em relação às variáveis sobre as atividades laborais, constatou-se que a maioria dos profissionais de enfermagem pertence à categoria de técnico de enfermagem, com tempo de profissão e de atuação na instituição de até 10 anos. Ademais, notou-se que grande parte destes trabalhadores possui carga horária de trabalho de 42 horas semanais, não possui outro emprego,

trabalha no período noturno e nos setores de clínicas médicas e cirúrgicas.

Em estudo realizado em um hospital no Rio Grande do Sul com 108 trabalhadores da equipe de enfermagem, apontou-se que a maioria dos profissionais era formada por técnicos em enfermagem (38,7%), com tempo de serviço na enfermagem de 17,6 anos e de trabalho na mesma unidade de 12,8 anos. Acrescenta-se que 14,2% dos trabalhadores possuíam outro emprego e 53% dos profissionais trabalhavam no turno da noite⁽²²⁾. Já em outro trabalho realizado no Hospital Geral na Serra Gaúcha com 164 profissionais de enfermagem, mostrou-se que 88,4% dos trabalhadores eram técnicos de enfermagem, com 6 anos de tempo de atuação na enfermagem e 4 anos de atuação no hospital. Notou-se que 56,1% trabalhavam no turno diurno e 17,1% tinham outro emprego⁽¹⁴⁾.

Dados nacionais mostram que a enfermagem no Brasil possui uma representação de 20% de enfermeiros e 80% de técnicos e auxiliares. Esta condição não é uma situação favorável. Isto porque os técnicos e auxiliares tendem a oferecer menos auxílios em situações mais complexas. Apesar disso, é comum ter técnicos para fazer as atividades básicas sob supervisão dos enfermeiros, uma vez que estes possuem diversas atribuições, deixando de exercer funções mais primárias. Então, torna-se importante que haja a mesma proporção de profissionais de enfermagem nas instituições, de acordo com cada categoria profissional⁽¹⁶⁾.

Quanto ao tempo de atuação na instituição, verificou-se que as instituições possuem profissionais que podem ser considerados novos e outros experientes, variando entre 6 e 17 anos de atuação, consolidando uma troca de experiências e conhecimentos. Esta variação no tempo de atuação explica-se pela rotatividade de profissionais entre os hospitais, tendo em vista que estes estão sempre buscando melhores condições laborais e financeiras⁽¹⁴⁾.

No que diz respeito à carga horária de trabalho, as modalidades de contratação dos profissionais de enfermagem, assim como as diferentes jornadas de trabalho, apresentam a complexidade dos vínculos empregatícios da profissão. A enfermagem permite uma diversidade de cargas horárias que variam desde 12 horas semanais a 20, 24, 32, 40 e 44 horas semanais⁽¹⁵⁾.

Neste estudo, evidenciou-se que a maioria dos profissionais de enfermagem trabalha 42

horas semanais. Diante disso, percebe-se a importância de apoiar as entidades que lutam pelas 30 horas de trabalho para a categoria de enfermagem, no intuito de promover a saúde dos trabalhadores de enfermagem e sua qualidade de vida, o que reflete significativamente no atendimento ao cliente.

Ainda no contexto do turno de trabalho, notou-se que há uma predominância de profissionais de enfermagem que atuam no período da noite. Este fator pode ser explicado pelo tipo de contrato estabelecido pelas instituições e também pela maioria da população ser composta por mulheres, que muitas vezes procuram adequar seus horários de atividades laborais para conciliar com os trabalhos domésticos, filhos e até mesmo para assumirem outras atividades remuneradas.

Cabe destacar que o trabalho noturno pode trazer fatores negativos para a qualidade de vida do trabalhador. Além disso, esses trabalhadores têm desgastes psicofisiológicos, uma vez que suas funções orgânicas se reduzem neste período. Assim, os profissionais estão expostos a alterações gástricas e hormonais devido à privação do sono, do lazer, do convívio social e familiar⁽²²⁻²³⁾.

Este estudo salientou percentuais de profissionais de enfermagem que possuem outro emprego. Existe grande chance da população estudada, visto que esta categoria é composta em sua maioria por mulheres, ter considerado suas tarefas domésticas como outra atividade laboral, sem remuneração. Contudo, o profissional que possui dupla jornada de trabalho pode estar exposto ao sofrimento no trabalho, em decorrência do aumento da sobrecarga de trabalho⁽¹⁸⁾.

Com base nesta constatação, infere-se que muitos profissionais possuem mais de um vínculo empregatício, frequentemente, em atividades e setores diferentes, para conciliarem horários de trabalho e aumentarem sua renda. Entretanto, a dupla jornada de trabalho pode se tornar um fator de risco ocupacional devido ao cansaço físico e mental provenientes das várias horas de trabalho⁽²⁴⁾.

No que diz respeito aos setores de trabalho, notou-se nesta pesquisa que os profissionais estão mais concentrados nas clínicas médicas e cirúrgicas. Este fator pode ser explicado pelo fato de essas clínicas serem os principais setores de internação que possuem maior número de leitos nas instituições hospitalares. Este resultado se confirma ao

comparar com uma pesquisa feita com 141 profissionais de enfermagem em um hospital no sudeste do Mato Grosso, na qual se evidenciou que 60,9% dos trabalhadores da equipe de enfermagem atuavam nos setores abertos. Estes setores foram considerados no estudo como clínicas de internação⁽²⁵⁾.

CONCLUSÕES

Por meio dos resultados deste estudo, torna-se possível concluir que, quanto às características socioeconômicas, a maioria dos profissionais de enfermagem é do sexo feminino, com faixa etária de 30 a 39 anos, casada ou convivente com companheiros, católica, não possui filhos, tem renda familiar mensal de 1.500 a 3.000 reais e casa própria. Com relação às características epidemiológicas, notou-se que a maioria dos profissionais não consome bebida alcoólica, nem cigarros, não pratica exercícios físicos, não possui doenças crônicas e não faz uso de medicamentos. No que se refere às características laborais, a maioria dos trabalhadores pertence à categoria de técnico de enfermagem, com tempo de profissão na enfermagem e de atuação na instituição de até 10 anos, trabalha 42 horas semanais, principalmente no período noturno, possui outro emprego e atua principalmente nos setores de Clínicas Médicas e Cirúrgicas.

Diante disso, sugere-se aos gestores uma melhor avaliação das características dos profissionais de enfermagem. Isto se faz necessário para conhecerem os diferentes aspectos desses trabalhadores, no intuito de facilitar o trabalho da coordenação de enfermagem e instituir medidas que possam proporcionar uma melhor adaptação no trabalho. Assim, pode-se afirmar que os profissionais terão condições de trabalho adequadas e uma vida mais saudável, que podem favorecer, conseqüentemente, a qualidade da assistência prestada aos usuários dos serviços de saúde.

Ainda nesse contexto, sugere-se também que sejam adotadas medidas que promovam a qualidade de vida e de trabalho dos profissionais de enfermagem nos ambientes hospitalares. Este fator é importante, uma vez que, ao conhecer o perfil do profissional, essas medidas tornam-se possíveis, de acordo com as características do trabalhador.

Agrega-se que seria de grande valia a realização de outros estudos acerca dessa temática em outras instituições hospitalares e em

outros estados, com outro tipo de delineamento, por exemplo, um estudo longitudinal. Isto pode ser efetuado, no sentido de verificar as mudanças nas características dos profissionais de enfermagem hospitalar em outras localidades e compará-las às instituições analisadas.

Esta pesquisa apresentou limitação na amostragem devido à coleta não ter sido realizada com a população total de profissionais de enfermagem hospitalar. Porém, este fator já era esperado em virtude das férias e licenças por motivo de saúde ou maternidade que os trabalhadores têm direito.

REFERÊNCIAS

1. Bellato R, Pasti MJ, Takeda E. Algumas reflexões sobre o método funcional no trabalho da enfermagem. Rev. Latino-Am. Enfermagem. 1997 [Acesso em: 22 out 2015];5(1);75-81. Disponível em: www.revistas.usp.br/rlae/article/download/1223/1243
2. Silva G. Enfermagem profissional análise crítica. 2ª ed. São Paulo: Editora Cortez;1989.
3. Foucault M. Microfísica do poder. 11ª ed. Rio de Janeiro: Editora Graal;1993.
4. Antunes JLF. Hospital: instituição e história social. 1ª ed. São Paulo: editora Letras & Letras; 1985.
5. Almeida, MCP. A construção do saber na enfermagem: evolução histórica. Seminário Nacional de Pesquisa; 1994; Florianópolis, ABEN, 1994.
6. Almeida MCP, Rocha JSY. O saber da enfermagem e sua dimensão prática. 2ª ed. São Paulo: Editora Cortez; 1989.
7. Ferraz CA. Construindo uma prática administrativa de Enfermagem. 42º Congresso Brasileiro de Enfermagem; 1990; Natal, Associação Brasileira de Enfermagem; 1990.
8. Brasil. Secretaria de Gestão do Trabalho e Educação na Saúde. Ministério da Saúde: SIGTAP - Sistema gerencial para gestão do trabalho. 2010 [Acesso 22 out 2015]. Disponível em: <http://sigtap.datasus.gov.br/tabela-unificada/app/sec/inicio.jsp>
9. Secco IAO, Robazzi MLCC, Souza FEA, Shimizu DS. Cargas psíquicas de trabalho e desgaste dos trabalhadores de enfermagem de hospital de ensino do Paraná, Brasil. SMAD, 2010 [Acesso 22 out 2015]; 6(1);1-17. Disponível em: www.revistas.usp.br/smad/article/view/38713
10. Bakkea HA, Araújo NMC. Acidentes de trabalho com profissionais de saúde de um

- hospital universitário. Prod. 2010 [Acesso 23 out 2015];20(4):669-676. Disponível em: www.scielo.br/pdf/prod/2010ahead/aop00040109.pdf
11. Brasil. Ministério da Saúde. Fundação Nacional de Saúde: Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, sobre pesquisas envolvendo seres humanos. 2013. [acesso 23 out 2015]. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html
12. Mauro MYC, Paz AF, Mauro CCC, Pinheiro MAS, Silva VG. Condições de trabalho da enfermagem nas enfermarias de um hospital universitário. Esc Anna Nery Rev Enferm. 2010 Abr-Jun [Acesso 23 out 2015];14 (1):13-18. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ean/v14n2/05.pdf>
13. Oliveira AFC, Teixeira ER. Perfil dos trabalhadores de enfermagem em terapia intensiva oncológica frente à automedicação. Journal of Nursing UFPE on line. 2014 [Acesso 23 out 2015];8(12):4261-8.
14. Meneghini F, Paz AA, Lautert L. Fatores ocupacionais associados aos componentes da Síndrome de Burnout em trabalhadores de enfermagem. Texto Contexto - Enferm. 2011 Abr-Jun [Acesso 24 out 2015];20(2):225-33. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tce/v20n2/a02v20n2.pdf>
15. Machado MH, Vieira ALS, Oliveira E. Construindo o perfil da enfermagem. Enfermagem em Foco. 2012 [Acesso 24 out 2015]; 3(3):119-122. Disponível em: <http://revista.portalcofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/294>
16. FIOCRUZ. Fundação Oswaldo Cruz. Perfil da Enfermagem no Brasil. Agência Fiocruz de Notícias. 2015. [Acesso 24 out 2015]. Disponível em: <http://portal.fiocruz.br/pt-br/content/pesquisa-inedita-traca-perfil-da-enfermagem-no-brasil>
17. Brasil. IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo demográfico 2010,2014. [Acesso 24 out 2015]. Disponível em: www.ibge.gov.br/home/estatistica/censo2010.2014
18. Souza NVDO, Cunha LS, Pires AS, Gonçalves GA, Ribeiro LV, Silva SSLF. Perfil Socioeconômico e de saúde dos trabalhadores de enfermagem da policlínica Piquet Carneiro. REME rev. min. enferm. 2012 Abr-Jun [Acesso 24 out 2015];16(2):232-240. Disponível em: <http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online>
19. Elias MA, Navarro VL. A relação entre o trabalho, a saúde e as condições de vida: negatividade e positividade no trabalho das profissionais de enfermagem de um hospital escola. Rev. Latino- Am. Enfermagem. 2006 [Acesso 24 out 2015]; 14(4):517-25. Disponível em: www.scielo.br/pdf/rlae/v14n4/v14n4a08.pdf
20. Terra FS, Marziale MHP, Robazzi MLC. Avaliação da autoestima em docentes de enfermagem de universidades pública e privada. Rev. Latino-Am. Enfermagem. 2013 Jan-Feb [Acesso 24 out 2015]; 21(esp.):71-78. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rlae/v21nspe/pt_10.pdf
21. Alves EF. Programas e ações em qualidade de vida no trabalho. InterfacEHS. 2011 Abr [Acesso 24 out 2015]; 6(1):60-78. Disponível em: <http://www3.sp.senac.br/hotsites/blogs/InterfacEHS>
22. Vieira TG, Beck CLC, Dissen CM, Camponogara S, Gobatto M, Coelho APF. Adoecimento e uso de medicamentos psicoativos entre trabalhadores de enfermagem de unidades de terapia intensiva. Rev. enferm. UFSM. 2013, Mai-Ago [Acesso 24 out 2015]; 3(2):205-214. Disponível em: <http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/reufsm/article/view/7538>
23. Neves MJAO, Branquinho NCSS, Paranaguá TTB, Barbosa MA, Karina Machado Siqueira KM. Influência do trabalho noturno na qualidade de vida do enfermeiro. Rev. enferm. UERJ. 2010 Jan-Mar [Acesso 24 out 2015];18(1):42-47. Disponível em: <http://www.facenf.uerj.br/v18n1/v18n1a08.pdf>
24. Oliveira EC, Ponte MAC, Dias MSA, Silva ASR, Torres ARA, Ferreira VES. Análise epidemiológica de acidentes de trabalho com exposição a material biológico entre profissionais de enfermagem. SANARE. 2015 Jan-Jun; [Acesso 24 out 2015];14(1):27-32. Disponível em: <http://sanare.emnuvens.com.br/sanare/article/view/603>
25. França, FM de, Ferrari R. Estresse ocupacional crônico e o setor de atuação dos profissionais de enfermagem da rede hospitalar. Revista Eletrônica Gestão & Saúde [internet]. 2012 [Acesso 24 out 2015]; 3(1):531-45. Disponível em: <http://gestaoesaude.unb.br/index.php/gestaoesaude/article/view/153/pdf>

Nota: Este trabalho é parte de uma dissertação de mestrado, intitulada por "Avaliação dos acidentes de trabalho e da autoestima de profissionais de enfermagem hospitalar",

financiada pela Fundação de Amparo a Pesquisa de Minas Gerais - FAPEMIG.

Recebido em: 30/04/2016

Versão final reapresentada em: 25/04/2017

Aprovado em: 25/04/2017

Endereço de correspondência

Sérgio Valverde Marques dos Santos

Avenida São José, nº 133 - Centro

CEP: 37.002-30 - Varginha/MG

E-mail: sergiovalverdemarques@hotmail.com